



MENU

Sou uma Clássica | #trashediastoliyourlook

Publicado a [15 de Novembro de 2016](#) por [joana barrrios](#)



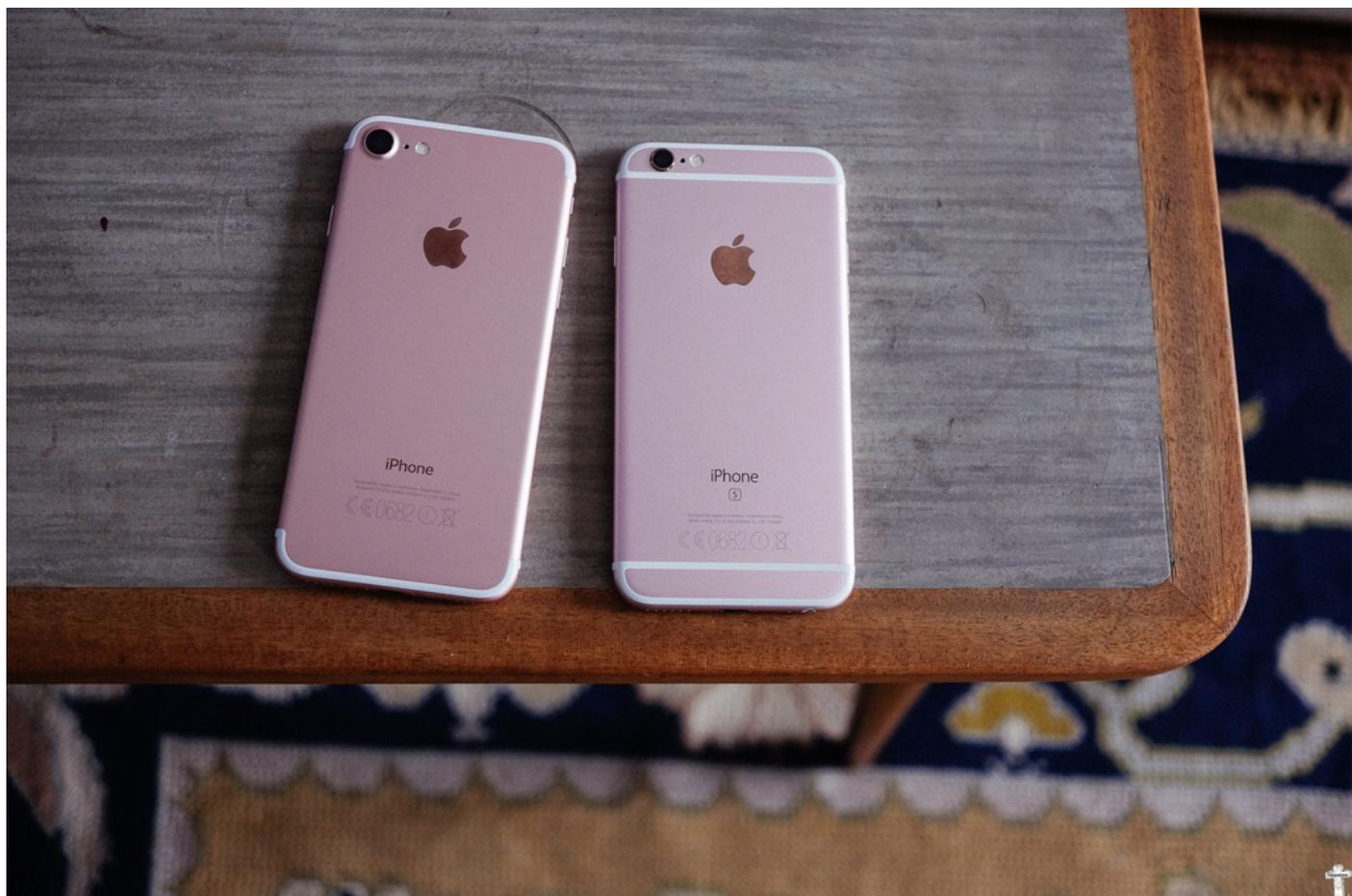


Comecei a escrever este #TRASHEDIASTOLIYOURLOOK pelo menos umas oitenta vezes em papel, duzentas em notas do iPhone e umas outras centenas num documento do Pages.

A primeira frase era poética e era alguma coisa género “Saí da casa-atelier-tese-de-doutoramento da Ana como quem sai de um primeiro *date*”, mas tive medo que fosse super pirosa e resolvi não a eliminar de todo, mas enquadrá-la num momento de declarada ironia. Depois também escrevi, como primeira frase, que esta edição tinha sido feita na casa-atelier-tese-de-doutoramento da Ana, porque não faria sentido fazer isto noutra sítio, uma vez que o momento presente da Ana – uma espécie de momento epíteto – enquanto artista plástica, está a acontecer ali. Até porque é sobre isso que ela está a trabalhar e o trabalho é, neste tempo, o centro das suas atenções.



Começámos por nos sentar e falar sobre as eleições e sobre como seria importante que a Clinton fosse Presidente dos EUA. A partir daí passámos para um debate construtivo e tão soalheiro como a sala de estar de paredes azuis, sobre um tema que de repente não tem mais vergonha de ser cor de rosa, o Feminismo. Decidimos que escrevia nas minhas notas em verso Feminismo com F maíusculo, porque estávamos à beira de um momento tão importante para as Mulheres, em todos os contextos, em todo o mundo. A conversa sobre a Clinton foi uma forma simples de assumir que acreditamos sempre no melhor e nunca conseguimos prever o pior. Grande parte do trabalho da Ana passa por sublinhar ideias acerca da figura da Mulher Artista. Só que de alguma forma também decidimos que não haveria de escrever muito sobre a sua Arte que está a ser e que se tornará futura, porque pertence ao Futuro.



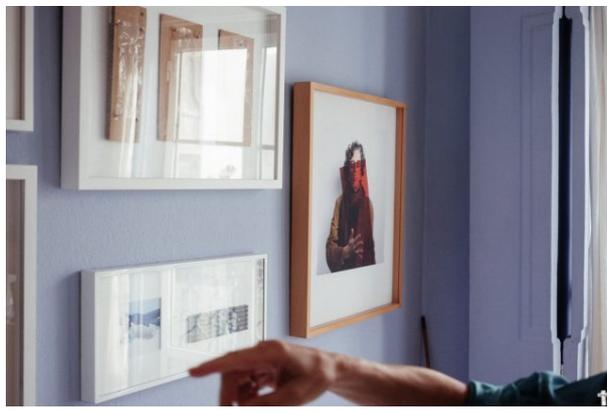
A primeira pergunta é sobre o seu Instagram megalopsíquico, que à data desta última edição conta com 17276 publicações. @anaperez_quiroga

São muitíssimas publicações.

E tendo em linha de conta que esta acção decorre em/na casa-atelier-tese-de-doutora-

mento da Ana, falar do seu Instagram também é uma forma de falar do seu universo e da personalidade do mesmo. *Sim, é uma coisa do meu universo, mas do meu universo para o exterior, porque o objecto não sou eu, é criado por mim, ou seja, a partir de mim, a olhar para esse exterior.* Não é possível ser mais pessoal do que isto, e não é possível entender melhor a relação que mantém com o seu trabalho. Ético, e depois estético. Entre estas 17276 publicações, aparecem muitas obras e pessoas, a quem a Ana pede autorização para fotografar e publicar – é a mais delicada e uma das mais maravilhosas.







Olhando assim para a Ana sentada no seu sofá branco na sala azul, é impossível não perguntar sobre a sua relação com os estudos, quer dizer, com a academia, o porquê do Doutoramento.

E vamos parar lá onde tudo começou: *Nunca parei de estudar. Assim resumidamente, tirei o curso de História na Universidade Livre e terminei-o na Clássica, depois fui para o curso médio de Arquitectura de Interiores e Design de Mobiliário na Fundação Ricardo Espírito Santo da Silva, que se tornou numa licenciatura que completei, e depois acrescentei a esse curso com uma pós-graduação em Recuperação do Património em Engenharia Civil, no Técnico; de '94 a '99 fiz o curso de Escultura, na FBAUL, o Mestrado foi em Évora com uma tese/livro sobre uma Mulher Escultora em particular, portuguesa, muito pouco conhecida, Ana de Conta Colaço, e decidi fazer o Doutora-*

mento – que estou agora a rever – no Colégio das Artes, em Coimbra.
Nunca lhe cheguei a perguntar o porquê do curso de História...



Mas a Ana ainda me levou mais atrás na sua narrativa.

O meu pai era radiologista, e dentro das caixas das chapas havia folhas de papel amarelo. Essas folhas variavam de tamanho e forma consoante a parte do corpo a que se referia a chapa: as da coluna eram rectângulos compridos, as da cabeça, quadrados – e o papel envolvia as chapas para as proteger, por isso eram folhas com duas vezes o tamanho das chapas, com uma dobra ao meio. Cada caixa tinha vinte chapas, logo tinha vinte folhas de papel, e eu fazia molhinhos desse papel, sempre às vinte unidades, atava com um fio muito bonito, uma coisa super chique, e ia vender para a Feira da Ladra. O que eu dava hoje para ter molhinhos desses papéis!... – Sempre foi fascinada por fazer dinheiro de forma criativa para poder ser autónoma e viajar.

No Verão dos seus 16 anos, como as vendas iam de vento em popa, fez o primeiro inter-rail com o irmão mais velho, e quando ele quis ir para os países nórdicos, a Ana seguiu para a Grécia por causa da literatura, porque eu sou uma clássica. Visitou as ilhas gregas que conseguiu, e nos anos seguintes continuou a estudar e a trabalhar para pagar as viagens que queria fazer. Até que chegou a altura de entrar para a Universidade e lá foi para o primeiro curso, o de História. Só que o tempo da Ana sempre foi mais longo que os outros tempos, e conciliava os estudos com um trabalho, que naquela altura ninguém tinha, por-

que quem estudava, não trabalhava. Foi gerente da primeira loja Benetton em Portugal, na Av. de Roma, trabalhou numa livraria em Alvalade e nos dias de Feira da Ladra vendia os tais molhos de papel amarelo.





OK, em 2016, a Ana é artista plástica. Porque já viveu a vida de uma lojista, de uma livrreira, de uma vendedora ambulante de um produto inventado, de uma historiadora, de uma decoradora de interiores, de uma designer de móveis... Mas a dada altura, depois de se dedicar ao belo pelos olhos e pelos desejos e vontades dos seus clientes, através do outro, a Ana decidiu que entraria no curso de Escultura da FBAUL, para ser livre. Para criar livremente aquilo de que gostava, aquilo que a interessava e sobretudo para poder comunicar. É lindo que diga que procurou a liberdade num percurso artístico, em Portugal, o qual supõe um grau de dificuldade enorme e uma vida económica muito mais penosa. No entanto a arte trouxe-lhe a liberdade que lhe oferece a felicidade.

Estudou com uma geração mais nova que aquela de onde vem, e isso nunca se constituiu como uma desvantagem, muito pelo contrário. Desenvolveu o seu percurso artístico ao lado dos jovens que integravam o seu ano e com quem hoje mantém estreitas relações de amizade. Vasco Araújo ou a dupla João Pedro Vale e Nuno Alexandre são bons exemplos de colegas que se tornaram amigos. Nas paredes da sua casa-atelier-tese-de-doutoramento, obras de todos eles.

É muito provável que seja por causa do papel amarelo das chapas de radiografias da Kodak e das viagens que a Ana escolhe como materiais preferidos para o seu trabalho o tecido e o papel, por esta ordem, porque o tecido, sobre o papel, tem a indiscutível vantagem da resistência e durabilidade. *O tecido pode dobrar-se e cabe dentro da mala, ao passo que o papel, quando se amarrota, está destruído; com o tecido eu posso passá-lo a ferro e voltar a utiliza-*

lo e a expo-lo, porque está sempre perfeito. Além de que o tecido ganha mais facilmente patine e não há nada que me fascine mais que a passagem do tempo pelos objectos.

Foi por causa de uma bolsa da Fundação Oriente que conheceu a China, cujo papel na sua vida (e obra, naturalmente), é indiscutível. A primeira visita foi em 2008, enquanto bolsista da Fundação Oriente, a segunda em 2013.

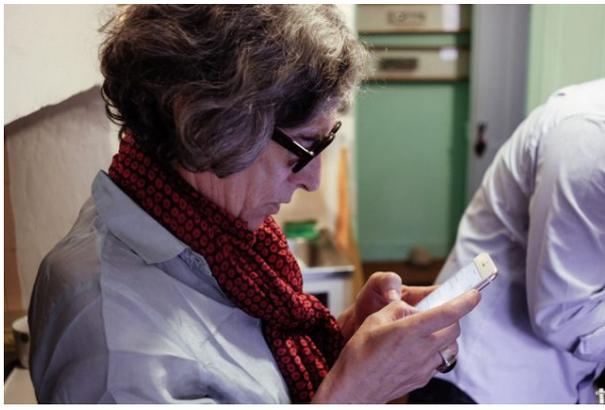


Tudo o que é a Ana e sobre a Ana está relacionado com pormenores e subtilezas, com detalhes tão finos e chiques e clássicos, que dá mesmo muita vontade de lhe perguntar tudo e de saber de onde é que tudo veio, e porquê. Nas suas camisas de seda confeccionadas à medida, ao peito, no lado esquerdo, sempre um APQ bordado. Ao pescoço sempre um lenço de seda. As cortinas da sala azul são de um linho cru especialíssimo, trazido da Índia. De um *closet* no *hall* saem casacos de fazendas que já não há feitos à medida na Índia ou na China, por alfaiates amigos de altíssima reputação. É tudo feito à sua medida, tudo pensado à sua medida, e materializado à sua escala. Tudo pensado à escala da sua identidade enquanto Mulher, do seu conforto físico e intelectual, da sua percepção do real. E tudo isto é um diálogo entre emissor e receptor. É um teste aos limites da performatividade, da ficção, e da construção do real. Daí a tal conversa acerca da patine e da passagem do tempo sobre os objectos, do envelhecimento dos objectos e da recusa do novo, do massificado, do imediato. Para a Ana tudo tem de ser belo e pouco fácil.

Na sua cronologia, na qual não existem hiatos ou tempos mortos, está neste momento a ser revista a sua tese de Doutoramento e a ser preparada uma exposição para a próxima Primavera, no novíssimo MAAT. A tese de Doutoramento debruça-se sobre a sua casa como unidade porque *o que investigo agora é como a casa e os objetos que contem se podem entender como uma instalação artística, onde performatizamos o quotidiano*, e a exposição estará relacionada com a tese, e mais não pode dizer.

E eu também não quis saber mais. Porque só esta quantidade de saber já me deixou assim. Online, em anaperezquirogahome.com, está todo o projecto.









Para que tudo fizesse sentido e que a revisão da tese dessa tarde corresse bem, o Fred veio à casa-atelier-tese-de-doutoramento da Ana fazer os cocktails Stolichnaya, desta feita com Stoli Citros. O espaço performático foi a cozinha, numa tarde que teve sol e chuva e um trovão e um arco-íris.

Categorias: [#trashediastoliyourlook](#)

Tópicos: [ana pérez-quiroga](#), [China](#), [Clinton](#), [Feminismo](#), [Fundação Oriente](#), [Índia](#), [Instagram](#), [MAAT](#), [Stoli](#), [stoli citros](#), [Stoli The Vodka](#), [tecido](#), [trashédia](#), [trashediastoliyourlook](#)

[← artigo anterior:](#)
[O BIFE](#)

[→ artigo seguinte:](#)
[CADAVERE EXQUIS](#)

Deixe uma resposta

O seu endereço de email não será publicado. Campos obrigatórios marcados com *

Comentário